

dem para si, se o quiserem, os velhos, os preconceitos, as abusões, as tolices.

O sol dos tropicos referve o sangue da mocidade, e ella que ainda não exgotou a fé, que se atire hárvida e forte ás luctas da idea. Pela minha parte, tambem me vou em peregrinação, erguida a frente, porque a consciencia é pura, e que importa obstaculos, entraves? Venhão as urzes, lacerem as carnes embora, irei sempre, fitos os olhos naquelles que por uma idea morrerão e padecerão agonias cruciantes.

Fallo agora do *Amor da Arte*.

Vosso pelo C.

M. A. MAJOR.

(*Continúa*)

A POESIA BRASILEIRA

E A LYRICA NACIONAL

(*Continuado do n.º 35*)

Passaram-se sete annos

Seria annuncio de esmorecimento se maiores espaços não tivessem decorrido de um a um dos annos em que os esforços dos patriarchas das nossas letras fizeram que chegasse aos vindouros a memoria das primeiras academias litterarias do Brazil.

Mas não. Em 1779 José Basilio da Gama e Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, testemunhas do movimento litterario da Europa do seculo XVII, sendo talvez impropria a epocha e fracos os alicerces em que forão assentadas as primeiras sociedades de letras na America do Sul; animados e auxiliados pelo governador Luiz de Vasconcellos e pelo bispo Mascarenhas, fundaram no Rio do Janeiro a Arcadia Ultramarina, que julgaram modelada pela Arcadia Romana para poder zombar dos caprichos da sorte e como esta legar á posteridade a historia dos seus triumphos.

A seu lado se erguia em Portugal a Academia Real das Sciencias, como monumento d'aquelle espirito litterario que ha de morrer com o ultimo portuguez, sem que deixe jamais a tradição de suas victorias, de contar ás gerações que se succedem o que foi Francisco Manoel do Nascimento, o que é José da Silva Mendes Leal.

No meio das vicissitudes de uma nacionalidade abalada pela subversão dos elementos da antiga paz, tambem o Instituto de França de 1794, já recolhendo as descobertas da civilisação, já aperfeiçoando as artes e as sciencias da republica, mitigava os horrores das catastrophes da revolução franceza com as festas da intelligencia que se deviam reproduzir por setenta e dous annos depois para commemorar o grande facto da regeneração do espirito humano.

No entanto nem Basilio da Gama, nem Alvarenga, nem Domingos Vidal Barbosa, nem José Ferreira Cardoso, nem Domingos Caldas Barbosa, nem outros muitos que pareciam querer inaugurar o Menalo da nossa poesia, ao passo que creavam a segunda phase da recém-nada litteratura, viam infructiferos os seus esforços de partilhar com os seus patricios das conquistas da civilisação européa.

O' Diniz! quantas vezes pela boca da memoria estarás fallando aos herdeiros da lyra pindarica dos triumphos da tua Arcadia! quantas vezes nas cordas do alaúde te dedilharão um hymno de saudades os genios que deste á patria como novos atletas do parnaso!

Salve, rei! que do meio dos povos unidos pelos liames da civilisação a posteridade te saude! Lembra-te de que a reminiscencia da idade de ouro te pedira a rehabilitação de seus foros, e tu lhe respondeste já com Elpino Nonacriense, mais tarde com Manoel Maria Barbosa de Bocage, e afinal com o Visconde de Almorida Garrett!

O que foi Garrett em Portugal mostra-se trez annos depois no Brasil Domingos José Gonsalves de Magalhães.

Um bardo flammeuse (diz o já citado auctor do *Curso de litteratura*) que, fugindo ao sinistro ruido das discordias civis, na Europa fora receber a consagração, impressionado pelo grande movimento intellectual que em torno de si se operava, pensou na patria, e julgou que chegado era o momento de tambem dictar-lhe com novas e livres instituições. Esse mancebo é o poeta-diplomata, o philosopho dos *Factos do Espirito humano*, o cantor dos *Tamoyos*, n'uma palavra, o Sr. Domingos José Gonsalves de Magalhães...

E' verdade.

(*Continúa*)

BACHAREL ALFREDO PIRAGIBE.

ROMANCE

ANDRÉ O MALDICTO

Era no tempo em que o cholera-morbus devastava cidades e provincias. Hontem, eram risos e canções, rosas e lyrios; hoje, prantos e lamentações, goivos e saudades. Entre uma noite e outra noite familias inteiras partiam em romaria para a cidade dos mortos, e a pedra tumular era o lençol que cobria muito leito nupcial,

Quem imagina o que é a peste?!

Quem já viu um flagello tão terrivel, que faz com que nem os proprios filhos tenham coragem para amortallar seus paes e fujam delles espavoridos, como Hamleto diante daquella sombra tão cara e tão terrivel?! Que maldição é essa que ceifa os homens, como a foice do lavrador arrasa os campos de trigo?! Que chuva de fogo e bitume é essa que afunda cidades inteiras em tanta tristeza e tanta dor?— Os homens já não são paes, as mulheres já não são mães: todos são fant smas que gemem desgrenhados e cheios de saudade e de susto, ao som dos d'lbres funebres e fatidicos, enchendo os ares de lamentos e imprecacões. Nem um instrumento prazenteiro palpita entre umas mãos inspiradas, que a inspiração tiritia medrosa dentro dos craneos aridos e estupidos: nem uma cantiga folgazã vibra alegre nos ares, que as canções gelam-se ao sopro do desespero. O medico é uma irrisão, o sacerdote um importuno, o coeiro um abutre: e tal é o cortejo que a peste traz consigo.

E as cidades despovoam-se, e cobrem-se de crepe, e soltam dos campanários vozes gemedoras, pungentes, funereas e prolongadas. E' o banquete da morte que tripudia no cemiterio, tendo por manjar os corpos de seus condemnados, e por vinho as lagrimas dos afflictos; é a infame harpia, cuja insaciabilidade não conhece limites e que no alto do Golgotha se vou-se até ao cadaver de um Deus.

Quando chegará a tua vez, eterna Messalina?

Na villa de * * * também gottejou a sua baba fatal, a terrivel doença. De dia para dia o flagello ameaçava tragar todos os habitantes; outrosim repetidas emigrações pareciam frustrar-lhe os intentos.

Só uma casa parecia ter sido poupada.

Seria porque n'ella se acoitava algum reprobado indigno até d'esse medonho castigo?

— Talvez.

N'ella viviam uma velha de cincoenta annos e seu filho.

Pobres, mesmo muito pobres, seu unico recurso era o trabalho, e elles se afadigavam ambos como dous condemnados, porque ambos eram ambiciosos. Mas a ambição n'esses dous entes mostrava-se sob aspectos diversos: n'uma, era a seccura insaciavel de possuir ouro para aferrolhar-o; no outro era a avidez cega de ser rico para gozar todos os prazeres e hobrear com os mais felizes do dinheiro. Eis porque ambos regavam quotidianamente o rosto no suor mortificante do trabalho; eis porque no seu viver não havia tregoa para o descanso.

Entretanto na villa algumas vezes surdas se esgueiravam deste para aquelle propalan lo que a velha já era possuidora de grossa somma; mas essas vozes emudeciam quando ella sahia á rua trajando um russo vestido de alpaca e amentando-se tanto que julgavam todos que ella morria de fome.

Havia já algum tempo que seu filho andava pensativo e concentrado.

— André meu filho, dizia-lhe ella, o que tens? O que te faz asim cabisbaixo? Precisas de alguma cousa?

— Preciso de dinheiro, respondia elle, em um tom rouco e desesperado, lento e imperioso.

— Ai! filho, quem m'o dera ta nabem.

E elle ria ironico e ameaçador.

E todos os dias era a mesma pergunta, e todos os dias a mesma resposta e o mesmo riso gelado.

Uma occasião André não esperou que sua mãe lhe fizesse a costumada pergunta, dirigio-se a ella e disse-lhe, como impondo uma ordem:

— Preciso de dinheiro!

A velha estorceu-se admirada, e começou uma lamuria. Até ao filho queria enganar, até a elle queria occultar o thezouro que tinha ajuntado moeda por moeda e que fazia

as suas delicias. Era um impossivel o que André exigia. No dia seguinte fez a mesma imposição, voltou-lhe a mesma recusa. E durante muito tempo foi sempre assim.

Uma noite André descobrio o lugar em que escondia o dinheiro: era dentro do colchão. Mas como subtrahil-o, se ella tinha um somno tão leve que o menor ruido de passos no quarto a despertava? Todavia tentou o roubo. Mas quando, depois de ter conseguido penetrar no quarto, depois de ter-se aproximado, buscava rasgar o colchão para procurar o dinheiro a velha acordou.

Desde o seu primeiro movimento comprehendou as intenções do filho, foi um olhar e um grito

— Ah! ladrão!

— Silencio! sou eu!

Mas ella gritava sempre.

— Silencio, velha!

(Continúa)

C. DE C.

POESIAS

O CANTO DO TOBAJARA

Ama as selvas, e o vento palreiro,
Ama a gloria, ama a vida; mas antes
Que viver amargados instantes
Quere pode e bem sabe morrer!

— G. Dias.

Eu sou Tobajara, sou filho das selvas,
Sou forte e valente, — sou livre, sou rei,
Eu tenho o meo throno n'um leito de relvas,
Soldados a centos que ja nem eu seil
Meo reino s'estende na matta frondosa,
Se a fronte levanto soberba, orgulhosa,
Quem ha tão ouzado que a venha curvar?
Niguem! que sou forte, sou rijo, sou bravo,
Meos pulsos não cedem á ferros d'escravo,
Meos pulsos que sabem algemas quebrar!

A aurora que nasce, e o sol que desmaia
Saúdam-me a fronte que cingem laureis,
E as vagas que gemem, que rolam na praia,
As plantas me beijam d'encontro os pareceis,
Meo arco entesado, nas costas a aljava,
Na cinta d'embira repousa-me a clava,
Que sabe os imigos mais ferros conter;
Se a flecha disparo, nos ares preando
A Garça ligeira que passa voando,
Eu vejo-a morrendo na flecha descer.

[illegible]

Bom estado da ilha e da gente, a positiva. A economia está se re-
construindo e os cidadãos se apropriando do espaço. Melhoria do
transporte e da comunicação, a indústria e o comércio. — A ilha
está se tornando um polo de atração turística, com o potencial
de um grande destino turístico.

[illegible]

(i i m i i i t t)

BACHAREL ALBERTO PRAGUE

R 0 0 8 1 0 2 2

ANDRÉ O MALLESIMO

Novo grito. E dão-lhe tapou-lhe a boca e tentam com a mão que lhe restava pechear o colchão que denegria a presença de todas e mais os movimentos que a velha fazia para livrar-se da mão que quer a aphyxal-a.

Por fim já a luta estava violenta demais : *ela* queria ver-se livre do braço que a dominava e de outro que queria arrancá-lhe as entranhas arrancá-lhe o seu thesouro : *ella* queria suffocar aquelles brados que o condemnavam e sugar com os lábios, se possível fosse, aquelle sangue que lhe faltava : aquella vida que o fascinava, aquelle ouro que o tentava. Foi necessário de xer o ouro para conter a desesperada agitação da velha ; mas ella gritava sem prece. Gemia, chorava, mordida, e suas voz se entrecruzava e diziam :

Assassino! ... Eu te amaldiçoó ...

- Silencio !

— Hasde vagar pela terra....

— C. 10-10!

— See: a' rlo... sem an gos.

— Bruxa, não me desespere!

— H. de p. ir verção sobre a minha saúde: ...

— Our inferno !

— Mas eu não t'o darei...

— Que ven'ac !

— Fome... sèd... frio... tudo **ter**is l... E nunca poderás dormir ...

— Quanto só o teu dinheiro. Da-me, e eu te deixo!

Não ! Nunca ! Rouba-o quando acabares de matar-me...

— Ah ! Ah ! Ah !

Com um riso infernal, convulso, ameaçador... Mas a velha debatiu-se fortemente e repetiu esta formidável maldição !

— Ah! mãe enlourecida. Queres perder-me e perder-te.

— Ma'dicto ! Assassino ! Ladrão !

Porem elle apertav - he o pescoco cada vez mais. Esta-
va cego, cego de raiva, desesperado, possesso!

— O meu bafo só chega até aqui.

441

As a result of the

[illegible]

El mundo es un teatro, y el teatro es el mundo.
El mundo es un teatro, y el teatro es el mundo.

[illegible][illegible]

Verde, segando espaltava e pela villa a noticia de que a maceda de breu nor era a cholta.

... e a filha enveredada no rio, porque a mãe não estava com ela. Foi um imprevisto e um erro que se fazia de propósito.

Com o tempo se fez que i quache anere d'ibam nte, por-
que os neiros t'nhia a coragem de acompanhar ao d'lm ja-
zido os victimas da peste.

Outrosim não houve aqui longe, notavel, a não ser que quando os caveiros se dispunham a dar o corpo á terra o caixão espantou-se-lhes das mãos e o cadáver pesando sobre a tampa a descolou e foi rodar até o fundo da cova. Andre, que se conservava á beira da sepultura, viu então o rosto contraído e arrevelado de sua mãe fixar n'elle um olhar tremendo de angustia. E' que elle tinha os peccados fechados-lhe os olhos! Uma nuvem vertiginosa passou por diante d'elle, e se souberiam como se um influxo do diabolico viresse, e um choro longo e profundo, como que vindo d'alem-tumulo, e quebrale-lhe encontro a uma pedra sepulchral, parecia dizer-lhe

→ Ladrão! Assassino!...

Era umido... elle varillone e encostose a um covetro.
O contacto daquillo corpo extanho fello estremecer, e
elle torrou a si

Instantes depois, sahia da igreja ainda depois da impressao d'esse estranho aron eom rubro. Parecia-lhe a cada momento ver posto desigualmente o seu mao, e aquelles olhos, sobretudo a pellos olhos grande mente abertos que pareciam que er vigi-l-o em toda parte, pois que em toda a parte elle os vi fixos em si.

Chegou a casa e começou a dispor em certa ordem tudo o que possuía, como quando se prepara para fazer uma viagem; mas d'ahi a pouco deixou-o e poz-se a passear em toda a extensão da sala. Uma vez metia os dedos por entre os cabellos e os suspenharia como se quizesse que o rímellos penetrasse para refrescar-lhe o cranio; outras vezes movia convulsivamente os labios, lançando as sobressentido. Depois parava de repente e parecia estar diante de um obstaculo que lhe embargava o passo.

Quem poderia dizer o que se passava dentro d'aquelle craneo? Que tempestade vivava n'aquelle cerebro desordenado e derramava seu alvoroço em todos aquelles movimen-

tos? Pois que, André! Tu já não exasperas para possuir esse ouro que tanto ambicionavas? Agora és rico, estás só, livre como a andorinha, são como a briza da manhã, tens apenas 23 annos, tuas fantasias e projectos como só pôde tel-os um emir ottomano, porque não os affectuas? Ainda erguias em tua imaginação castellos esplendidos, mais portentosos do que os teem sonhado todos os poetas do mundo, e hoje nem a mais leve sombra delles se reflecte na tua ardente fantasia!

E' que a fatalidade tinha arrematado ao logo sereno e unido de sua alma pesado seixo que devia ir resolver o fudo que lhe fazia no fundo, e esses movimentos bruscos que elle fazia eram apenas o encrestar das aguas perturbadas. E' que o remorso lhe tragara do braço e o acastava por invias e escabrosa paragens, e seus passos vacilantes eram apenas as tropeções que lhe custavam as dignidades do solo em que pisava.

Desgraçado! Deuste perdoe tua tremenda impiedade! Reprobo! Chora teu crime!

O dia passou-se para André nesta agitação continuada, que parecia não ter mais termo. Nem lhe passou pela lembrança a idéa de tomar refeições. Chegou o noite e com ella negra horrores André acendera uma candeia e continuara o interminavel passeio pela sala. Do exterior nenhum ruido vinha perturbar o silencio de que se via cercado o matricida, e por isso mesmo o barulho de seus passos echoava mais solemne no recinto que elle percorria. Mais de uma vez parou amedrontado diante de sua propria sombra que se projectava enorme na parede; então, depois de reconhecer o engano, via distinctamente seus cabellos ouricarem-se e um calafrio lhe invadia as carnes. Mais de uma vez tambem tentou ir á caza de jantar para beber agua; mas ao chegar á porta do corredor hesitava atemorizado diante da escuridão que distinguia no interior da casa, e se lançava mão da candeia peor. He era, porque a luz batendo vacillante pelas paredes afigurava fantasmas ou sombras de perseguidores que o buscavam.

Este terrivel estado se prolongava sem parecer dever acabar. Eram sustos a cada momento, tremores, suspiros, um respirar affanoso, um pulsar sem ritmo e anormal daquelle pobre coração ebrío de violentas emoções: enfim, parecia que sua imaginação exarcebada delirava em transes que so ella avaliava.

Alta noite, quando os vivos pareceram esquecer-se do mundo e a desolada villa cahira, como que cansada das agitações do dia, em um breve lethargo que devia findar com a aurora; quando os homens sentiram o dedo invencivel do somno pesar-lhe sobre as palpebras, a natureza pareceo despertar para accumular horror sobre o unico ente que velava ainda. Um vento frio e sibilante se ergueo pouco a pouco e zunio abalroando pela cumieira da casa de André. As portas batiam rangendo, e a luz da candeia ameaçava apagar-se. O assassino pallido e a tremer encostava-se á parede e julgava que uma legião de espectros avançava apressada para prendel-o. Elle não sabia se devia fugir, se rezar; no entanto não podia fazer o mais leve movimento. Collado, pregado de encontro á parede, ali estava, branco como a cal, hirtó como o marmore.

De repente, e quando menos o esperava, sentio que uns dedos armados de fortes unhas arranhavam na porta da rua. Apenas o percebeo, escapou-lhe involuntariamente um grito. suas pernas fraquearam, e elle cahiu de joelhos, quasi a desmaiar. Depois de algum tempo continuaram esses dedos a arranhar e um grunhido, mergulhando por baixo da porta, veio ferir os ouvidos do acobardado assassino. Então elle

reconheceu que devia ser um cão, que sua mão costumava agasalhar ás vezes, reconhecida pelos beneficios que o pobre animal lhe prestara em uma noite em que os ladrões tinham querido penetrar em sua casa.

André resolveo então não lhe abrir a porta: mas o animal se impacientou e começou a uivar de tal modo choroso, desesperado e horripilante, com esse grunhido que dizem ser agoureiro, que o moço decidio-se enfim a dar-lhe entrada. Quando o animal penetrou na sala, olhando de esguelha para André, não sabemos se pelo aspecto transtornado que elle apresentava, ou se pelo horror que adivinhava ligado áquelle ente, immediatamente fugiu d'elle, e embrenhou-se pelo negro do corredor. O moço então logo fechou a porta desse corredor e ficou de novo só na sala. Mas a acção daquelle animal o impressionou extraordinariamente.

—Pois quel meu Deus!... este cão foge de mim!

De novo começou o tur bilhão d'aquellas visões bizarras a perturbar-lhe os trabalhados sentidos. Então lembrou-lhe rezar; mas debalde, porque a aurora ainda o veio achar entregue ás suas negras apprehensões.

Passou-se esse dia como se passara o da vespóra; e a noite tambem. E depois um outro dia tornou a ser cheio de horrores, bem como a noite que se lhe seguio.

Parecia que esse fatidico delirio não devia ter fim, porque era o remorso que martellava aquella alma.

Mas, fosse porque as sensações desse amaldiçoado se embotaram, fosse por um recurso extremo de coragem com que se reveste ás vezes a fraqueza, André mostrou não ficar impressionado por tão repetidos choques. Sahio á rua e conversava com affabilidade; surria... tristemente, mas surria, e aquelles que o viam ás vezes cabisbaixo diziam lá para si:

— Coitado! E' triste perder assim uma mãe extremosa!

O que ia dentro d'aquelle craneo ninguem o sabia! Se elle continuava a soffrir aquella tortura porque passára logo depois da morte de sua mãe, não o podemos nós dizer! Seu exterior, se não indicava felicidade, não indicava ao menos tortura.

Mas o historiographo deve comentar quando narra, deve conjecturar, mais com perspicacia, quando ignora, e esquadrinhar, esmerilhar quando apalpa. Assim pois, embora illudisse o exterior de André, a verdade era que a maldição de sua mãe ainda não tinha tido uma consequencia.

(Continúa)

C. DE C.

CHARADA

Todas os seres me tem,
Porém n'elles não estou eu,
Se querem saber quem sou,
Estou na luz, venho do céu — 1
Parti do eterno, e por mim
Todo o orbe se formou:
Desde então todo o unu — 2
Só por mim se governou.

Conceito.

Em mim se gera
Prazer ou dor,
Centro da vida
Templo de amor.

As charadas do n.º 35 exprimem ambas: *Somno* e as do Supplemento são: *Cataclisma* e *Camaleão*.

bradas de heras e rosas as fronte, as hetairas jungião em seu plaustro poetas e artistas, philosophos e oradores.

As almas ideaes, que vivem de outro mundo, onde os encantos a Providência derrama em delivios de consonos abemolados, e onde ao espirito enlevão harmonias mysticas de auroras de luz, em vendo o prologo do *Acto*, necessariamente tremeloião entre o prazer e a admiração. Não é que o prologo em si, como peça dramatica valha tudo isto, não; é que elle recorda felizes tempos, saudosos epochas.

O enlevo que o espirito experimenta ouvindo as volutas ligeiras de um bolero ou o canto sublime de um dueto ou as gannas elegantes de um *Chap d'harmonie* — não é tão bello, tão opulento, tão expositivo como o que elle sente apalpando o fragmento de um quadro antigo, uma medalha de Mithridates, um vaso de Potocia, vendo um livro, um manuscrito, uma scena que lhe falle dos monumentos e dos costumes dos Pelasgos, das legendas seculinavas ou dos costumes do seculo de Pericles.

O prologo do *Acto* pois como historia e como obra litteraria vinga muito louvor. Ha alli verdade de sentimentos e caracteres: os personagens sustentão-se. Aristophanes e o Aristophanes do *Pluto*; o pamphleto em scena, o virulento castigador da corrupção de costumes; Euripides e o Euripides poeta que estudou a humanidade no homem, o emulo de Sophocles e o continuador de Eschylo. Democrito que ri-se, Heraclito que chora são ainda os vultos que a historia archiva e que a philosophia recorda, e o Phidias, que só falla uma vez, é o gigante da estatuaria, aquelle que na *Mierva* do *Parnithon* e do *Jupiter Olympico*, como Miguel Angelo no *Mysés*, revelou em cada linha um sulco pujante do genio e em cada contorno o reverbero de muitos mundos de luz. Em fim Theodota e Glycera, são photographias das hetairas athenienses Laïs e Galathena, sacerdotisas de Venus a hermaprodita.

Antes de concluir esta epistola e de entrar no estudo do drama, apraz-me ainda, senhor redactor, dizer-vos algumas palavras sobre Jonio, o *Platão* da arte dramatica, como diz Democrito.

Jonio, disse Furtado Coelho em sua *Conversação Pre-ambular*, é um symbolo.

Jonio, que foge dos prazeres do Ceramico, que tem por amigos o inspirado autor de Heruba e o estatuario herculeo do *Jupiter Olympico*, e que em seus anceios e sonhos antevê a grand'za de sua arte, é o albor matutino de uma perfectibilidade que hade vir e que já vem hoje proxima, é a incarnação de uma idea — a realeza da arte. Elle morre, cuidando que a casta musa de suas illusões fôra victima das iras de Theodota e dos instinctos brutos de Lysias. E a sua morte, eu o digô, porque o sinto, quer dizer que embora certas palpebras do artista o somno pesado da morte a arte não morre, porque a arte, emanção celeste, não deve e não pode morrer.

12 de Novembro.

Vosso do C.

M. A. MAJOR.

ROMANCE

ANDRÉ O MALDICTO

(Continuado do n.º 2.)

Poucos mezes depois da morte da mãe de André, quando já a peste tinha ido talar outras terras, quem passasse ao cabir da noite pela villa de * * * nãria, entre todas, uma casa illuminada e dentro da qual se preparava um arremedo do baile.

Era um impio, o matador de sua propria mãe, que depois de ter assassinado para roubar, de ter fingido para enganar, de ter engastado para humilhar, de ter se dedicado ao lodo de sua condenação, quando a face da claridade se tornava o heroe dessa festa.

André, o matricida, acabava de conduzir ao altar uma virgem que engauda. Elle ria e brincava entre alegres companheiros, mas subitamente seu olhar se tornava fixo e uma pallidez cadaverica dava-lhe na face um beijo de gelo.

E porque havia pouco, na igreja, quando recebera a benção sacerdotal e olhara para o chão, reconhecera que se tinha ajoelhado sobre as taboas que cobriam a sepultura de sua mãe.

— Hasde vir pedir perdão sobre a minha sepultura, tinha ella rouquejado entre as vascas da morte; mas eu não t'o darei!

Lembraram-lhe estas palavras e elle enbranquecera como quem d'smaia. Todos viram seu estado n'esta hora solenne, mastinham-no attribuido á evocação que o devia dominar ao dizer o ritual *sim*; mas a cerimonia seguira-se o folguelo, e todos, excepto elle, esqueceram esse incidente.

Depois que a dança fatigou a todos; depois que os rizoos forão esmorecendo, e os instrumentos se calando, o matricida encaminhou-se para a camara, onde havia já algum tempo se tinha abrigado a casta flor que devia entornar seu delicioso perfume n'aquelle peito alijeto.

Mas ella preferio entregar á podridão seu corpo angelico a entregal-o aos braços do condemnado. Quando este deitou-se ao lado da donzella que se recantara debaixo das rendadas e alvejantes colchas, sentiu em vez da tepidez de um seio a palpar, o frio arripador e penetrante da pelle de uma serpente.

Era um cadaver o que elle abraçava!

Vertiginoso, tremulante como um ebrio, caminhou ate a porta e bradou por soccorro. Quando acudiram á sua voz acharam-no tambem estendido e frio no chão juncado de folhas de rosas. Tinha desfallecido.

C. DE C.

(Continúa)